

A Quiromante De Wall Street

Enquadramento

Meus filhos me observavam de longe. Estavam sorrindo, mas nenhum dos três se aproximava. Cochichavam com a mãe deles, e dentro daqueles cochichos eu conseguia ouvir: Mãe, quem diabos é o nosso pai?

Não no sentido biológico. No sentido de saber se eles tinham herdado aquela loucura que a marca chamava de capacidade e a sociedade chamava de insanidade — porque não cabia em nenhuma pasta.

Eu tinha voltado à minha Nova York para ver alguns amigos. Naquela mesma noite voamos para Boston, a cidade da minha mãe.

Na Main Street, o restaurante de sempre nos esperava: lagosta e linguine. Dois irmãos sicilianos, o sotaque uma mistura de Palermo com Massachusetts. Parecia *Era Uma Vez Na América* — só que dessa vez era eu quem escrevia a trilha sonora, com minhas próprias piadas.

Um dos dois pediu para me encontrar no dia seguinte, no fim da manhã. Não entendi o que ele queria. Encontrei-o no cais por volta do meio-dia. Ele agarrou meu braço: “Frega, qual é a sua relação com a MAGIA?”

“Depende. A editorial eu explico. A comercial eu invento. O resto, não sei dizer.”

“Não, não. Estou falando de bruxas e adivinhas. Os indianos foram os primeiros. Depois as santerías africanas. Todos combatendo o mal com rituais.”

Ele estava bem informado. Eu fingi não entender. Ele insistiu: “Quero te levar para conhecer uma amiga minha, para ler suas cartas.”

“As cartas do cartório eu deixei em casa. Póquer eu já abandonei.”

Ele caiu na gargalhada: “Não essas cartas. Tarô.”

“Tarô não é uma variedade de laranja siciliana?”

“Não seja idiota, Frega. O mesmo filho da mãe de sempre. Vamos.”

Vinte minutos a pé, quatro quarteirões. Chegamos.

Uma senhora portuguesa, noventa e dois anos, charuto aceso. “Caramba, você chegou. Já estou te esperando faz tempo. Juliana e a amiga indiana dela estiveram aqui ontem de manhã. Estão furiosas. Enroladas nessa confusão que você está causando com esse maldito

gillettenarrative.com. Você não pode ser comprado. Você não pode ser vendido. Você não pode ser gasto.”

Eu estava rindo feito louco. Parecia um sonho. Meu amigo me deu um belião: “Isso não é Hollywood. Isso é Main Street.”

Ela começou a leitura. Disse para eu não cruzar as pernas. Para ser sério. Em certo momento, chegou uma voz — um espírito, um eco do outro lado:

“Frega, é verdade o que você escreveu no volume 15 da saga Gillette?”

Caí na gargalhada. A quiromante, desanimada: “Não é magia o que se precisa aqui. Não é tarô o que se precisa. Só se precisa de orações.”

Ferdinando Frega

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com